

A tradução da metáfora: um estudo em filmes de língua alemã

Luciane Ferreira
PPGL-UFRGS/UNISINOS.

Marcos Goldnadel
UFRGS

Daiana Krauspenhar
UNISINOS.

Resumo

O presente estudo situa-se no âmbito da lingüística cognitiva e visa a investigar o fenômeno da tradução de metáforas em filmes alemães. A fim de ilustrar o fenômeno estudado e apresentar possíveis contribuições para os estudos teóricos da tradução, faz-se uso da Teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff e Johnson (1980/2002), para a análise de metáforas e da Teoria da Relevância de Sperber e Wilson (1986/1995) para a análise do processo tradutório. As seguintes perguntas nortearam o estudo: Qual a importância das metáforas na tradução como ato comunicativo? Até que ponto os modelos da Teoria da Metáfora Conceptual e da Teoria da Relevância podem auxiliar os estudos teóricos da tradução na análise das metáforas? O estudo aponta o potencial descritivo de ambas teorias como uma ferramenta auxiliar para a compreensão da metáfora e para a sua tradução.

Palavras-chave: Lingüística Cognitiva; Pragmática Cognitiva; tradução; metáfora.

Introdução

De acordo com o modelo teórico de Sperber e Wilson (1995), a relevância de uma informação, cujo ponto central é a inferência, é construída em um ambiente cognitivo mutuamente compartilhado entre o falante e o ouvinte. O enunciador produz estímulos (enunciados) a partir dos quais o ouvinte infere as idéias que ele pretende comunicar. Na leitura do texto traduzido, esse processo já passou pelas inferências do tradutor. É nesse ponto que a Teoria da Relevância pode oferecer algum auxílio ao tradutor, dando-lhe condições de realizar suas opções

Abstract

The present study aims at investigating the translation of metaphor in German films from a cognitive linguistics perspective. In order to illustrate the phenomenon and point out possible contributions to a translation theory, we used Conceptual Metaphor Theory (LAKOFF and JOHNSON, 1980/2002) for the metaphor analysis and Relevance Theory (SPERBER and WILSON, 1986/1995) to analyse the translation process. The following questions guided our investigation: What is the importance of metaphor for translation as a communicative act? To what extent can Conceptual Metaphor Theory and Relevance Theory contribute to the metaphor analysis and the Translation Studies? The study revealed the descriptive potential of both theories as a tool to metaphor comprehension and its translation.

Keywords: Cognitive Linguistics; Cognitive Pragmatics; translation; metaphor.

tradutórias de modo a manter as inferências pretendidas pelo autor do texto original. Dessa forma, a tradução poderá colaborar para que o leitor do texto traduzido tenha acesso às suposições contextuais pretendidas pelo autor¹.

A análise de enunciados que instanciam o que se convencionou chamar de uso figurado da linguagem, um dos desafios da tradução, pode apoiar-se vantajosamente na Teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff e Johnson (1980/2002), que postula que o nosso sistema conceptual é estruturado por metáforas (as metáforas conceptuais), que constituem a base do nosso

pensamento. Segundo essa perspectiva, as metáforas lingüísticas que permeiam a nossa linguagem cotidiana são realizações dessas metáforas conceptuais.

Os dois paradigmas teóricos mencionados embasam as análises do presente estudo, que se norteou pelas seguintes perguntas: Qual a importância das metáforas na tradução como ato comunicativo? Até que ponto os modelos da Teoria da Metáfora Conceptual e da Teoria da Relevância podem auxiliar os estudos teóricos da tradução na análise das metáforas? O principal objetivo deste trabalho é procurar oferecer respostas e informações pertinentes a essas questões.

Para fins de análise, são examinados trechos que apresentam metáforas retirados de dois filmes alemães (Adeus Lenin e Em lugar nenhum da África), bem como suas respectivas traduções. Selecionaram-se exemplos nos dois filmes capazes de chamar a atenção para o problema da tradução de metáforas e de ilustrar o modo pelo qual as teorias abordadas podem oferecer alguma contribuição para a prática da tradução. Sendo assim, a discussão dos exemplos procura mostrar possíveis contribuições da Teoria da Metáfora Conceptual e da Teoria da Relevância para a tradução de metáforas. A análise constitui-se a partir da apreciação das traduções de enunciados metafóricos feitas pelo tradutor de legendagem, avaliando possíveis alternativas de tradução condizentes com princípios elegidos em razão da consideração da contribuição das abordagens teóricas apresentadas.

A metáfora: da retórica clássica a uma abordagem cognitiva

Na retórica clássica, a metáfora é considerada um fenômeno da linguagem poética, sendo vista como um simples ornamento lingüístico, que pode ser dispensado, pois é considerada um desvio da linguagem cotidiana, usado somente em textos poéticos (ARISTOTLE, 1987). Nessa perspectiva, a metáfora seria indesejável em discursos objetivos, pois, nesses casos, deveria ser usada uma linguagem clara, precisa e, portanto, literal. Assim, a metáfora, bem como outros usos figurados da linguagem, como a ironia e a metonímia, deveria ser evitada em usos objetivos da linguagem.

Distanciando-se dessa visão, Lakoff e Johnson consideram que o raciocínio está estruturado em termos de mapeamentos metafóricos entre domínios experienciais. Os autores colocam a metáfora como uma questão central da cognição humana. Por meio de uma ampla análise lingüística de enunciados da linguagem

cotidiana, Lakoff e Johnson postulam que, subjacente a nossa linguagem, existe um imenso sistema conceptual metafórico, que rege nosso pensamento e nossas ações. Tal análise levou-os a concluir que a maior parte da linguagem cotidiana é metafórica, e somente uma pequena parte é literal.

Para esclarecer melhor, observemos um exemplo de Lakoff e Johnson, destinado a demonstrar como um conceito pode ser metafórico e estruturar uma atividade do nosso cotidiano, permeando nosso pensamento. Esse conceito é denominado pelos autores metáfora conceptual (representado em letras maiúsculas):

- a) conceito: DISCUSSÃO;
- b) metáfora conceptual: DISCUSSÃO É GUERRA.

Esse conceito metafórico é bastante usual em nossa vida diária em expressões como as seguintes (LAKOFF E JOHNSON, 2002: 46):

- (1) Ele *atacou todos os pontos fracos* da minha argumentação.
- (2) *Destruí* sua argumentação.
- (3) Ele *derrubou* todos os meus argumentos

Através das três expressões metafóricas acima, pode-se entender por que os teóricos conceituam a metáfora como “compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”, ou seja, por que um conceito é estruturado em termos de outro. Quando discutimos sobre um assunto usando um mapeamento como o apresentado, passamos a utilizar expressões típicas do vocabulário de guerra: atacar, destruir, vencer, ganhar, derrubar. Assim, experienciamos e compreendemos a DISCUSSÃO, um domínio experiencial mais abstrato, em termos do conceito de GUERRA, aqui representado concretamente por uma batalha verbal.

Concluimos, então, que a metáfora não é apenas um fenômeno da linguagem, mas também do pensamento humano, ambos metaforicamente estruturados. Em todos os momentos e aspectos da nossa vida cotidiana, estruturamos nossa realidade em termos de metáforas e passamos a pensar e agir a partir delas.

Relevância e tradução de metáforas

Gutt (2000) afirma que, na comunicação, a interpretação pretendida pelo falante/autor não depende somente da decodificação da mensagem, mas também da consideração do contexto que o falante teve em mente no momento da comunicação. Gutt propõe que o texto traduzido é uma interpretação interlingüística, que o tradutor faz de acordo com o pensamento do autor do texto original. O autor insere suas considerações no

paradigma instituído pela Teoria da Relevância, de Sperber e Wilson, cujo modelo teórico serve, juntamente com a Teoria da Metáfora Conceptual, de ponto de partida para a análise de traduções de enunciados metafóricos proposta neste trabalho.

Para Sperber e Wilson (1995), o significado é transmitido pela combinação inferencial de enunciado e contexto. Os autores desenvolveram um modelo ostensivo-inferencial de análise da comunicação verbal, enfatizando o papel da inferência como processo cognitivo responsável pelo sucesso interpretativo de interlocutores em sua atividade lingüística. Segundo a Teoria da Relevância, existem mecanismos subjacentes à cognição humana capazes de explicar o processo de comunicação entre seres humanos. Fundamental em sua abordagem é o reconhecimento do Princípio da Relevância: “Todo ato de comunicação ostensiva comunica uma expectativa de relevância máxima” (SPERBER E WILSON, 1995: 158).

A Teoria da Relevância postula que o comportamento ostensivo-inferencial num ato comunicativo é orientado pelo Princípio da Relevância, segundo o qual o interlocutor produz enunciados na busca da melhor relação entre custo de processamento e efeitos contextuais (uma relação custo-benefício). O custo é o esforço mental realizado para interpretar o enunciado proferido pelo falante/autor. O benefício são os efeitos contextuais trazidos pelo esforço. Assim, quanto menor o custo exigido e maior o benefício, tanto mais relevante será a contribuição realizada pelo falante.

Na perspectiva da Teoria da Relevância, o falante, com o seu comportamento ostensivo, torna manifesta sua intenção comunicativa, motivando o ouvinte a formular e confirmar hipóteses condizentes com o Princípio da Relevância, a fim de identificar uma intenção informativa. Nessa perspectiva, podemos dizer que o tradutor também é um comunicador ostensivo, à medida que ele, através do texto traduzido, apresenta estímulos capazes de alterar o ambiente cognitivo do leitor e estimulá-lo a elaborar hipóteses sobre a intenção informativa do texto com o qual está em contato.

O falante/autor, manifestando-se a partir do uso de sentenças (ostentando enunciados) que compõem o seu texto, torna manifesta sua intenção comunicativa, esperando que o ouvinte/leitor, a partir do reconhecimento dessa intenção, reconheça sua intenção informativa, interpretando adequadamente os enunciados. Cabe ao tradutor, através de suas escolhas, preservar, na medida do possível, a intenção informativa do autor do texto original, ostentando para o ouvinte/leitor estímulos capazes de conduzi-lo a uma compreensão equivalente

àquela estimulada pelo texto original.

Nessa perspectiva, segundo Gutt (2000), o contexto é construído pelos participantes do ato comunicativo, incluindo não só o autor, mas também o tradutor e o leitor da tradução. O ato tradutório visa a transmitir a mensagem do texto original, isto é, transmitir as suposições implicadas pretendidas pelo autor do texto original. Para reduzir as falhas de compreensão, deve-se combinar o enunciado com as suposições que o autor teve em mente durante o ato comunicativo.

Gutt (2000) divide as *situações de comunicação em primária e secundária*. Uma *situação de comunicação primária* ocorre quando o tradutor consegue combinar o texto ou o enunciado produzidos, inferencialmente, com as suposições contextuais adequadas, para que o ouvinte, ou o leitor, use as suposições certas, a fim de obter a interpretação pretendida pelo autor do enunciado. Uma *situação de comunicação secundária* ocorre quando o ouvinte, ou o leitor, da tradução não recebe do tradutor o estímulo adequado para realizar as suposições contextuais adequadas, pretendidas pelo autor do texto original, levando-o a ter problemas na interpretação do enunciado. É válido lembrar que, mesmo que o tradutor se esforce ao máximo para manter a relevância, o leitor pode falhar na derivação de suas inferências ao ler o enunciado traduzido, uma vez que as inferências dependem do grau de compartilhamento de informações entre os interlocutores.

O tradutor deve preocupar-se em transmitir a mensagem e os efeitos contextuais do original, cooperando com o leitor. A metáfora provoca efeitos poéticos no leitor por meio de implicaturas fracas, que são vagas, possibilitando que o leitor selecione as interpretações possíveis que lhe são mais salientes. Portanto, se numa tradução o leitor não obtiver os efeitos contextuais adequados consistentes com o Princípio da Relevância, a tradução pode não ser satisfatória, como mostram as observações de Gutt referindo-se ao ouvinte, mas que podem ser transpostas para a situação do leitor:

Se o ouvinte não consegue encontrar uma interpretação consistente com o Princípio da Relevância, ele não terá certeza do que o autor está pretendendo comunicar. [...] a falta de efeitos contextuais adequados talvez cause a impressão de que o texto é irrelevante para ele [...] e o receptor coloque a tradução de lado (2000: 96).

Voltando à proposta de Gutt, segundo a qual a tradução é um tipo de linguagem interpretativa (uso interpretativo interlingüístico), o tradutor busca compor

um texto na língua-alvo que pretende manter para o leitor as mesmas suposições que o autor do texto original comunicou ao leitor da língua-fonte. Caso contrário, o leitor da tradução não obterá os efeitos contextuais adequados. Conclui-se, então, que a tradução, à luz da Teoria da Relevância, é um texto interpretativamente semelhante ao original. De acordo com Ferreira, pode-se dizer que é possível comunicar uma mensagem para qualquer público, independente do ambiente cognitivo mutuamente compartilhado, porém, sabe-se que “a interpretação de um estímulo é determinada pela relevância e depende do contexto” (FERREIRA, 2002: 53).

Tanto para Sperber e Wilson quanto para Lakoff e Johnson, a essência da metáfora está na relação da linguagem com aquilo que ela representa – o pensamento do falante (SIQUEIRA, 1999: 17). A diferença é que, para Lakoff e Johnson, a formação de metáforas conceptuais depende do sistema conceptual humano e, para Sperber e Wilson, as metáforas dependem de processos inferenciais.

A legendagem de filmes

O tradutor de filmes não pode se esquecer de apresentar ao espectador mais a função do texto do que a forma, devendo buscar uma adequação lingüística. Deve procurar, também, evitar *palavras em excesso*, *buscando o equilíbrio de espaço e tempo* (FOBÉ, 1992: 17-18). Conforme Ridd (1996), o legendador deve levar em conta que seu texto-alvo, a legenda, não é uma tradução convencional, mas um auxílio comunicativo ao espectador que não domina a língua original do filme. Portanto, o legendador deve tomar dois cuidados básicos: a) a legenda deve ter uma *unidade semântica*, isto é, cada legenda deve ter em si um sentido completo; b) a legenda não deve ser somente um *elemento comunicativo*, mas também ser capaz de *transmitir prazer lingüístico*, contribuindo com o valor estético do filme a partir do uso de um vocabulário variado e atraente para compensar o esforço do espectador (MAGALHÃES, 1996: 477).

Segundo Soares (2002), há dois limites básicos na legendagem: a) o tempo necessário para a leitura de uma legenda é maior que o tempo usado para a assimilação da fala do texto correspondente; b) o tamanho do texto traduzido (a legenda propriamente dita). Portanto, muitas vezes é impossível traduzir na íntegra o que foi dito no texto original. Devem-se realizar adaptações para sintetizar o texto traduzido para que o leitor, que não domina a língua-fonte, possa compreender

a mensagem do filme, o que, para os conhecedores da língua-fonte, pode parecer um “assassinato” da mensagem original, conforme coloca Leonardo Teixeira (2002).

Devido à necessidade de adaptação do texto traduzido, trabalha-se, então, com um texto de fácil compreensão. Não há como retroceder a leitura para entender melhor o que foi dito, como se pode fazer quando se está lendo uma tradução de um texto literário, ou ainda incluir notas de rodapé, explicando a intenção do autor do texto original. Segundo Teixeira (2002), “A boa legenda constitui uma forma de leitura que não desvie a atenção do espectador do filme, senão passará ele a maior parte do tempo tentando decodificar o que se pretendeu dizer, tirando-lhe o prazer de assistir a um produto feito, no caso da TV, do cinema e do DVD, precipuamente para entretenimento”. Entretanto, isso não quer dizer que se deva alterar a mensagem substancialmente, ao contrário, “deve-se aliar precisão de informação, adequação de texto ao tempo de leitura e boa apresentação estética da legenda e estilo coerente com a fala original” (*ibid*). Ridd (1996) acrescenta que o tradutor de legendas deve levar em conta as diferenças do discurso falado e do discurso escrito, pois o texto escrito é mais condensado que a fala e do que deve ser a legenda.

Análise da tradução de metáforas

A Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (1980/2002) e a Teoria da Relevância de Sperber e Wilson (1986/1995) serão aplicadas a seguir na análise de duas legendas que apresentam enunciados metafóricos, retiradas de dois filmes alemães: *Adeus Lenin* e *Em lugar nenhum da África*. Nada há de substancial na escolha dos exemplos, além do fato de que ilustram adequadamente os aspectos teóricos desenvolvidos neste trabalho. São dois casos em que o tradutor deparou-se com a necessidade de encontrar na língua-alvo enunciados capazes de manter os efeitos pretendidos com o uso na língua-fonte. Dois aspectos importantes serão observados na análise:

- a) a manutenção dos efeitos contextuais do texto traduzido em relação ao original, segundo o critério de relevância;
- b) a manutenção da metáfora conceptual do texto original.

Em cada exemplo, primeiramente, é apresentado o enunciado originalmente encontrado no filme, em língua alemã, traduzido literalmente para o português. Depois, apresenta-se a metáfora conceptual (em maiúsculas) que

se depreende do enunciado em língua alemã (língua-fonte). Segue-se a tradução encontrada na legenda do filme, acompanhada da metáfora conceptual (em maiúsculas) que se depreende desse enunciado em língua portuguesa. Por último, é explicada a motivação corpórea da metáfora (GIBBS, 2006), descrevendo as experiências que supostamente a geraram, e discutida a tradução da metáfora à luz da Teoria da Relevância, observando os princípios da legendagem.

O primeiro caso a ser analisado é extraído do filme *Adeus Lenin*, que narra a história de uma comunista que acorda de um coma em uma Alemanha unificada, regida pelo regime capitalista. A partir daí, seguem-se os esforços de seus filhos para manter na mãe a ilusão de que nada mudou, o que é fonte de uma série de conflitos. A passagem analisada, em (1A), é proferida por um dos filhos quando relembra o momento em que o pai vai para a Berlim Ocidental, esperando a vinda da esposa e dos filhos, que haviam ficado no lado oriental – de onde nunca saem por decisão da mãe, uma simpatizante do regime comunista.

(1A) Metáfora lingüística do texto original: *Und unsere Familie ging an diesem Tag den Bach runter*.

Tradução literal: E naquele dia, nossa família desceu o riacho abaixo.

Metáfora conceptual: BOM É PARA CIMA; RUIM É PARA BAIXO (LAKOFF E JOHNSON, 2002:63)

(1B) Legenda do filme: Naquele dia, a nossa família começava a ruir.

Metáfora Conceptual: BOM É PARA CIMA; RUIM É PARA BAIXO (*ibid*:63)

A metáfora lingüística *den Bach runtergehen* (1A) é a realização lingüística da metáfora conceptual RUIM É PARA BAIXO, que tem uma base em nossa experiência corpórea. Segundo Lakoff e Johnson, trata-se de uma metáfora orientacional, que é o tipo de metáfora que usamos para conceptualizar as sensações e a orientação espacial, que nós, indivíduos, desenvolvemos a partir da observação do funcionamento do nosso próprio corpo e do ambiente em que vivemos. Por exemplo, quando estamos bem e felizes, dizemos que estamos “para cima” e quando não estamos bem, estamos tristes ou doentes, geralmente estamos nos sentindo “para baixo”.

Tomando por base a tipologia das metáforas orientacionais de Lakoff e Johnson, na expressão lingüística em língua portuguesa (1B) – a tradução da legenda –, percebemos claramente que o tradutor manteve a metáfora conceptual de acordo com a expressão lingüística original (*den Bach runtergehen*),

porém fez uso de uma metáfora lingüística com interpretações distintas (*A família começava a ruir*). Conforme o dicionário de língua alemã *Langenscheidts Grosswörterbuch*, usa-se a expressão *den Bach runtergehen* quando algo não acontece da maneira que era desejada ou planejada.

Relembrando o enredo do filme, a família começou a perder o rumo quando o pai deixou a esposa e os filhos numa fase difícil da vida – a divisão da Alemanha e, conseqüentemente, da capital Berlim. Ele partiu para o lado ocidental de Berlim, onde esperava pela esposa e pelos filhos. No entanto, a mãe optou por ficar com os filhos no lado oriental, ocorrendo uma desestruturação familiar. Ao traduzir a expressão originalmente utilizada por “A família começava a ruir”, o tradutor optou por uma estrutura repleta de suposições contextuais que levassem o leitor a pensar que a relação do pai e da mãe fosse passar por um processo de desestruturação, isto é, “ruir” transmite a idéia de que algo não acabou de vez, porém foi se desfazendo aos poucos. Além disso a utilização do verbo auxiliar aspectual “começava” transmite um aspecto de ação que se inicia e se desenvolve aos poucos.

A forma original (1A) (*Die Familie ging den Bach runter*), denota que a estrutura da família não passou por nenhum processo, ou seja, desfez-se de vez e não se manteve. Em língua portuguesa, diz-se que a família foi por água abaixo, ou seja, a água levou e não traz de volta. Percebe-se que, na tradução (1B) (“A família começava a ruir”), o leitor perde os efeitos contextuais pretendidos pelo autor do texto original com a metáfora lingüística *den Bach runtergehen*.

A expressão (1B), embora não exija esforço distinto do ouvinte em relação ao exigido pelo enunciado original, possibilita benefícios não-equivalentes, fazendo incorporarem-se ao ambiente cognitivo do espectador suposições diferentes das originalmente pretendidas. A tradução na legenda, portanto, motiva interpretações diferentes das estimuladas pelo enunciado do texto-fonte, afetando implicações futuras para o entendimento do filme. Considerando-se o verbete do dicionário de língua alemã e o enredo do filme, percebe-se que o autor não quis transmitir a idéia de que a família iniciava um processo que culminaria com sua ruína, isto é, de que havia passado por um processo de desmoroamento. A intenção original foi a de evidenciar que a família sofreu uma derrocada súbita.

Em relação à passagem em análise, existem duas questões a serem levantadas. No que se refere à legendagem, parece haver uma expectativa de que o tradutor, com o objetivo de dinamizar a leitura, torne o

discurso mais explícito, menos dependente de informações prévias, de modo que o espectador/ouvinte do filme possa compreender a legenda com facilidade. No entanto, sob a perspectiva da Teoria da Relevância, tal posição não se sustenta, pois o legendador pode levar em conta o ambiente cognitivo elaborado a partir das informações previamente veiculadas no filme, uma vez que as informações nele contidas facilitam a compreensão do sentido de um enunciado como *den Bach runtergehen*. Neste caso, no momento em que o enunciado é proferido, o espectador já tem condições de interpretar a metáfora adequadamente, levando em consideração a situação da família que protagoniza o filme.

Segundo Gutt, é necessário que se tenha o contexto para se determinar a forma proposicional adequada na tradução do enunciado, como se evidencia a seguir:

1. O contexto determina a desambiguação de expressões lingüísticas ambíguas: suposições contextuais erradas podem levar à escolha da representação semântica errada de tais expressões;
2. Geralmente precisa-se do contexto para se determinar a forma proposicional de um enunciado: o contexto errado pode levar à derivação de uma forma proposicional errada (GUTT, 2000: 76,77).

No caso em análise, o tradutor manteve a metáfora conceptual RUIM É PARA BAIXO. Entretanto, para que o espectador pudesse obter efeitos contextuais equivalentes aos do original, seria mais adequado o uso da metáfora lingüística *A família foi por água abaixo*. Dessa forma, guiado por considerações de relevância, teria logrado, com maior êxito, manter, para o leitor do texto traduzido, os mesmos efeitos contextuais que o leitor do texto original obteve.

A utilização de suposições contextuais inadequadas pode levar a problemas na interpretação. Por outro lado, se o tradutor reduzir o esforço inferencial exigido do espectador, explicitando a metáfora ou utilizando outra metáfora com sentido distinto, o leitor da tradução não será mais recompensado com os efeitos contextuais esperados e, conseqüentemente, a tradução também não será rica em efeitos pretendidos pelo autor do texto original. Se o tradutor tivesse optado pela expressão *foi por água abaixo*, efeitos contextuais equivalentes estariam garantidos e seria necessário menos tempo para a leitura da legenda.

O próximo exemplo é extraído do filme *Em lugar nenhum na África*, de Caroline Link. A história passa-

se em 1938, pouco antes de iniciar a 2ª Guerra Mundial, quando a família Redlich foge da Alemanha e se instala no Quênia, na África. Lá, o advogado Walter Redlich (Merab Ninidze) passa a trabalhar numa fazenda, enquanto sua mulher Jettel (Juliane Köhler), filha de uma família burguesa, tenta se adaptar à nova vida. Regina (Lea Kurka), a filha do casal, cresce e aprende a língua e os costumes locais, encontrando no cozinheiro Owunor (Sidede Onyulo) um amigo. Quando a guerra está acabando, Walter recebe uma proposta para atuar como juiz em Frankfurt. Depois de tantos anos em que aprenderam a amar o novo país, Jettel e Regina começam a duvidar se voltarão para a Alemanha com ele. Então, numa conversa com o cozinheiro, Walter afirma que ele e a esposa são como dois pacotes amarrados que viajam sem rumo num trem. Eles nunca sabem o que fazer e para onde ir.

(2A) Metáfora lingüística do texto original:

Manchmal denke ich, *wir sind wie zwei Pakete fest verschwingt nebeneinander auf einem Zug*. Sonst in einer Unbekannte Adresse bringt. *Wir reisen eine weite Strecke miteinander*, aber was in dem da drin ist, wissen wir nicht.

Tradução literal: Às vezes, penso que *nós somos como dois embrulhos amarrados bem juntos* num trem que está nos levando para um endereço desconhecido. *Viajamos um longo caminho juntos*, mas o que há lá dentro, não sabemos. (tradução nossa)

Metáfora conceptual: AMOR É UMA VIAGEM (LAKOFF E JOHNSON, 2000:104)

(2B) Legenda do filme:

Às vezes, penso que *nós somos como dois embrulhos bem amarrados*, jogados num trem que está nos levando para um endereço desconhecido. *Viajamos um longo caminho juntos*, mas não sabemos o que há lá dentro. Metáfora Conceptual: AMOR É UMA VIAGEM (LAKOFF E JOHNSON, 2000:104)

Na expressão lingüística em língua alemã, no exemplo (2A), verifica-se a metáfora conceptual subjacente AMOR É UMA VIAGEM, pois se trata da fala de um homem que, com sua amada, faz a analogia com dois embrulhos que viajam para um destino desconhecido. É como se ambos vivessem um amor imprevisível e somente a trajetória da vida, mapeada a partir do domínio-fonte VIAGEM, pudesse levá-los a um destino.

A tradução da metáfora lingüística para a língua portuguesa é adequada, dado que a metáfora conceptual foi mantida na tradução, estruturando AMOR, domínio-alvo abstrato que se busca definir, em termos de VIAGEM, domínio-fonte concreto de experiência. De

acordo com Lakoff e Johnson (1980), o amor do casal é considerado como uma viagem, passando por vários lugares, várias situações. Assim, o sentido metafórico de amor permanece o mesmo em ambas as expressões linguísticas.

No que se refere à relevância, as duas formas são praticamente equivalentes. A única diferença a ser registrada é a forma de descrever os dois pacotes: enquanto no original o texto apresenta “*dois embrulhos amarrados bem juntos*”, a tradução opta por “*dois embrulhos bem amarrados*”. A forma original, por apresentar a imagem de dois embrulhos amarrados juntos, dá uma maior ênfase à união, correspondendo melhor à metáfora pretendida. A forma traduzida, ao contrário, parece enfatizar um certo isolamento (sempre possível ao longo de uma viagem), uma vez que dois pacotes podem estar bem amarrados, mas, mesmo assim, distantes um do outro. As implicações contextuais de tais diferenças podem, no contexto interpretativo mais geral, ser significativas para a composição do discurso narrativo do filme.

O advogado Walter ama muito sua mulher Jettel. Apesar de pertencer a uma família burguesa, ela faz o possível para se adaptar à nova vida e acompanhar o marido em suas novas trajetórias. Tudo para que a família não se desestruture e lute até o final, mesmo sem saber o destino certo. É por este motivo que Walter afirma, como é visto no exemplo acima, que os dois (o casal) são como dois pacotes bem amarrados juntos, que também viajam juntos enfrentando os problemas, porém sem saber o rumo certo. Nesse caso, a forma original (“*dois embrulhos amarrados bem juntos*”) representaria o reforço de uma suposição com um grau de confirmação que (talvez) não tivesse ainda chegado ao nível máximo. Esse reforço não se realiza com a tradução, que, por comunicar que os embrulhos estão bem amarrados, talvez separadamente, pode vir a sugerir um certo distanciamento entre os personagens.

De qualquer forma, a tradução (2B) pode ser considerada com um grau de relevância muito próximo ao original, com a manutenção de grande parte das suposições contextuais pretendidas pelo autor. Pode-se afirmar que, neste caso, ocorreu o que Gutt (2000) denomina de *situação de comunicação primária*, isto é, uma situação em que o enunciado produzido na tradução foi combinado inferencialmente com as suposições contextuais correspondentes do texto original. Aqui, o tradutor conseguiu obter a semelhança interpretativa entre as duas formas proposicionais na língua-fonte e na língua-alvo, beneficiando o espectador.

Conclusão

A partir da análise dos exemplos, destacou-se como os modelos teóricos de Lakoff e Johnson e de Sperber e Wilson, aplicados à análise da significação, podem constituir-se como paradigmas capazes de fornecer instrumentos eficazes para o tradutor, possibilitando-lhe evitar falhas de comunicação na tradução de implícitos. Com o seu aparato teórico, as teorias abordadas permitem uma análise dos processos cognitivos envolvidos na interpretação do texto traduzido, apresentando formulações que auxiliam na identificação de aspectos importantes para a análise dos efeitos da tradução. A Teoria da Metáfora Conceptual permitiu avaliar a fidelidade do texto-alvo à metáfora conceitual utilizada no texto-fonte. Por meio da Teoria da Relevância, verificou-se em que medida a tradução permite ao leitor fazer o raciocínio inferencial pretendido pelo autor quando utiliza significação implícita, como a metáfora.

O estudo procurou apontar o potencial descritivo de ambas teorias como uma ferramenta auxiliar na compreensão da metáfora e da sua tradução. A análise dos exemplos permite concluir que um distanciamento substancial do conteúdo proposicional do texto-alvo em relação àquele encontrado no texto-fonte pode comprometer a interpretação. Esse comprometimento não decorre apenas do aspecto semântico, mas ainda dos efeitos contextuais resultantes da interação do enunciado com o ambiente cognitivo que vai se consolidando a partir dos conteúdos do filme.

Ao fazer uso de metáforas, o autor veicula intencionalmente implicações que dependem do reconhecimento de suposições para a compreensão dos significados implícitos. Se o leitor não consegue acessar tais suposições, haverá falhas na comunicação, e ele não obterá os efeitos contextuais do original, o que Gutt (2000) chamou de situação de comunicação secundária. Nesse caso, o leitor fica impossibilitado de compreender, em toda a sua extensão, o que o autor do texto quer comunicar e deixa de perceber os efeitos contextuais pretendidos originalmente.

Referências

- ARISTOTLE. *The Poetics of Aristotle* by Stephen Haliwell. Chapel Hill: The University of North Carolina, 1987.
- FERREIRA, Luciane Corrêa. *A Tradução da Ironia: uma abordagem à luz da Teoria da Relevância*. 108p. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Pontifícia

Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

FOBÉ, Nair Leme. Uma experiência em dublagem e legendação. *Letras: Revista do Instituto de Letras da PUCCAMP*. Campinas, vol.11, n. 1/2, p. 11-19, 1992.

GIBBS Jr., R. *Embodiment and Cognitive Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

Good bye Lenin. Produção de Stefan Arndt. 2003. DVD, 118 min. Áudio: alemão e português. Legendas: português e alemão.

LAKOFF, George.; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press. 1980. [Tradução brasileira: *Metáforas da vida cotidiana*. Mara Sophia Zanotto (coord.).Campinas, SP: Mercado de Letras. São Paulo, 2002.]

MAGALHÃES, Célia. Estratégias de análise microtextual: os níveis lexical e gramatical. In: ALVES, Fabio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo: Contexto, 2000, p. 87-112.

RIDD, Mark David. Legendagem: corda bamba entre o oral e o escrito. In: MAGALHÃES, Isabel. *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: UnB, 1996, p. 475-482.

SIQUEIRA, Maity. *Metáfora : intersecção entre abordagens lógicas e cognitivistas*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

SOARES, Danielle. *Tradução para dublagem e legendagem*. Rio de Janeiro: Boletim da ABRATES, 2002. Disponível em: <<http://www.abrates.com.br/>>. Acesso em 20 out. 2006.

TEIXEIRA, Leonardo. *Tradução para legendagem – considerações*. Rio de Janeiro: Boletim da ABRATES, 2002. Disponível em: <<http://www.abrates.com.br/>>. Acesso em 20 out. 2006.

Notas

¹ No caso específico da tradução de significação implícita, como a metáfora, o tradutor depara-se com enunciados que dependem de contextos bastante específicos para a interpretação.